

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

A Enciclopédia das Provas e dos Milagres

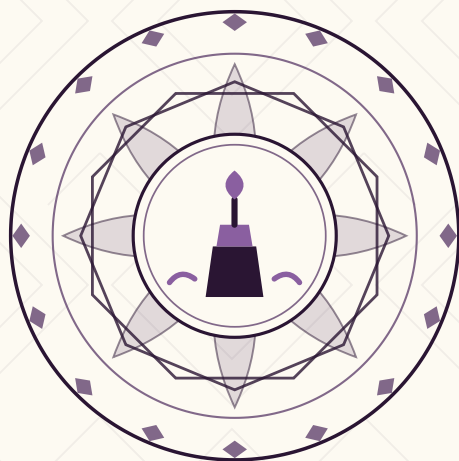
As provas da profecia de Muhammad ﷺ e da veracidade do Alcorão

Milagres científicos · Testemunhos históricos e arqueológicos · Profecias cumpridas

Os anúncios da Torá e do Evangelho · O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto

Explicado para que uma criança acompanhe · 157 ilustrações coloridas

157 provas, ordenadas pela sua força



Quinta Parte

O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto



Um mundo real do qual Deus nos informou, atestado pela história em todas as nações, com episódios comprovados que aconteceram ao Profeta ﷺ, a seus Companheiros e a pessoas comuns até os nossos dias.

18 provas

Um grupo de jinn escutou o Alcorão

Dize: Foi-me revelado que um grupo de jinn escutou, e disseram: Ouvimos um Alcorão assombroso, que guia à retidão, e nele cremos.

Sura al-Jinn — versículos 1-2



Os jinn são uma criação moralmente responsável: entre eles há muçulmanos e há descrentes

🔍 Em palavras simples

Os jinn são uma criação real que Deus fez do fogo. Nós não os vemos e eles nos veem. E no Alcorão há **um capítulo inteiro que leva seu nome**, contando como um grupo deles ouviu o Alcorão e nele creu.

⌘ No que se acreditava então?

Os árabes conheciam os jinn e os temiam; alguns deles chegavam a **buscar refúgio neles**, adorá-los e pedir-lhes proteção em suas viagens — o que o próprio capítulo registra: «E havia homens entre os humanos que buscavam refúgio em homens entre os jinn, e estes lhes aumentaram o fardo.» Atribuíam-lhes o conhecimento do invisível e deles tomavam sua adivinhação.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

O Islã **nem negou sua existência nem a exagerou** — regulou a questão com precisão: afirmou sua existência como criação responsável, entre a qual há os retos e os corruptos; negou-lhes categoricamente o conhecimento do invisível («E supúnhamos que nem os humanos nem os jinn diriam sobre Deus uma mentira», e «E não sabemos se o mal é pretendido para os que estão na terra»); **proibiu buscar refúgio neles** e o fez associação de parceiros a Deus; e proibiu recorrer a adivinhos e videntes. Assim manteve a realidade e removeu a superstição e a servidão ao mesmo tempo.

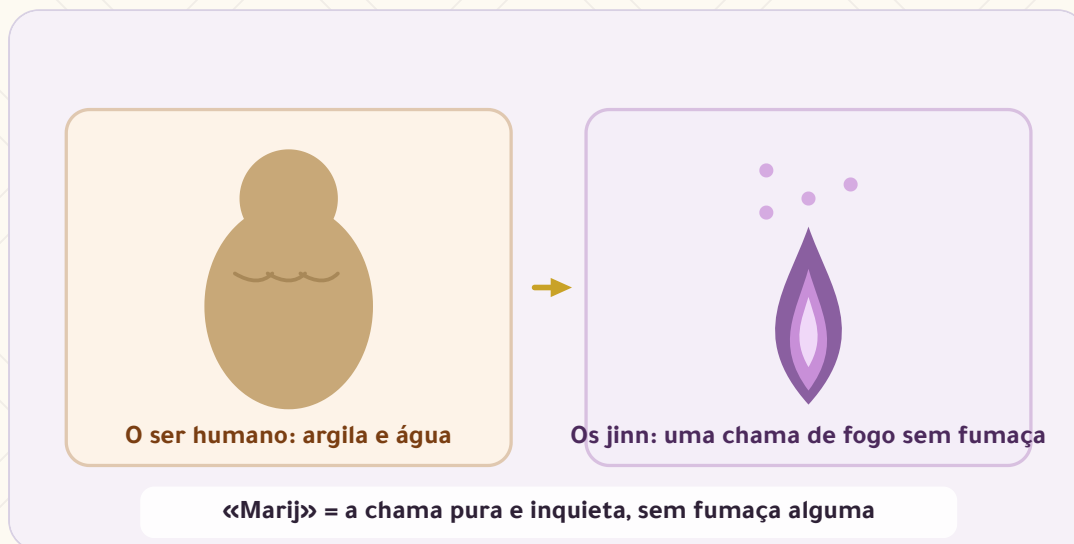
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Este é **um equilíbrio diferente de tudo à sua volta**. As religiões e culturas ou inflam o mundo dos espíritos até fazê-lo fonte de conhecimento e poder a ser adorado e apaziguado, ou o negam por completo e o reduzem a superstição. O Alcorão tomou um terceiro caminho: **afirmou a existência, aboliu a adoração e negou o conhecimento do invisível**. Se o texto tivesse sido composto por um homem naquele ambiente, o caminho mais fácil teria sido concordar com o que as pessoas já aceitavam e explorá-lo em benefício da própria autoridade — como faziam os adivinhos antes dele. Em vez disso, demoliu todo o comércio da adivinhação, entre os mais lucrativos da península.

De uma chama de fogo sem fumaça

Ele criou o homem de argila como a cerâmica, e criou os jinn de uma chama de fogo sem fumaça.

Sura ar-Rahman — versículos 14-15



Duas matérias inteiramente diferentes — e por isso uma não pode ver a outra

Em palavras simples

Nós somos criados de **argila**, e os jinn de **fogo puro e inquieto**, sem fumaça alguma. E porque a matéria é diferente, seu olho não os percebe — enquanto eles o veem.

No que se acreditava então?

As concepções das pessoas sobre os jinn eram imaginação popular sem regra: fantasmas, espíritos e formas assustadoras. Não havia definição da matéria de sua criação nem explicação para o fato de não serem vistos. E a palavra árabe aqui empregada é um termo preciso e raramente usado.

O que diz a ciência hoje?

Marij, nos dicionários árabes, é a chama pura, mesclada e inquieta, sem fumaça alguma. Isso é a descrição de uma forma particular de energia, não de um corpo material denso. E a ciência hoje sustenta que **o que o olho humano vê não excede uma porção muito pequena** do espectro eletromagnético (cerca de 400-700 nanômetros), e que cerca de 95% da matéria e da energia do universo é «escura», invisível e detectável apenas por seus efeitos. Assim, a existência de mundos que nossos sentidos não alcançam não é coisa estranha à mente científica de hoje.

Por que este é um milagre decisivo?

O Alcorão deu uma razão explícita para não serem vistos, e é extremamente precisa: **«Ele vos vê, ele e sua tribo, de onde vós não os vedes.»** A visão corre numa só direção, não em duas — o que exige uma diferença na **própria natureza da percepção**, e não mero esconder-se ou ocultar-se. E a distinção entre as duas matérias da criação explica a diferença de capacidades: velocidade, penetração e mudança de forma. É uma explicação **internamente coerente** do princípio ao fim, e não um punhado disperso de imagens como nas lendas das nações.

Uma magia que atingiu o próprio Profeta ﷺ

O Mensageiro de Deus ﷺ foi enfeitiçado, de modo que lhe parecia ter feito uma coisa sem a ter feito... num pente, em fios de cabelo e na espata de uma tamareira macho, e estava no poço de Dharwan.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



O poço de Dharwan, em Medina — o lugar de onde a magia foi retirada

Em palavras simples

A magia é algo real, com efeito, e não imaginação ou ilusão. E a prova mais clara disso é que **aconteceu ao próprio Profeta ﷺ**, de modo que lhe parecia ter feito algo sem o ter feito — até que Deus lhe informou o lugar dela e foi retirada.

No que se acreditava então?

A magia era um ofício conhecido e próspero em todas as civilizações da região: Babilônia, Egito, Iêmen e Arábia. O mago era um homem de posição, riqueza e influência. E teria sido fácil ao Profeta ﷺ esconder o que lhe sucedera — pois nada prejudica mais o chamado de um homem do que se dizer que a magia o alcançou.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim**, de Aisha, que Deus a agrade, com detalhes precisos: o nome do mago (Labid ibn al-A'sam), o material da magia (um pente, cabelos e a bainha de uma espata de tamareira), seu lugar (o poço de Dharwan), a descrição de seu efeito e como foi extraída. **O povo da Sunnah é unânime em que a magia tem realidade e efeito**, e em que seu efeito não tocou a revelação nem a transmissão da mensagem — apenas seus próprios assuntos mundanos. Esta é uma ressalva importante enunciada pelos sábios, porque a proteção na transmissão da mensagem está intacta.

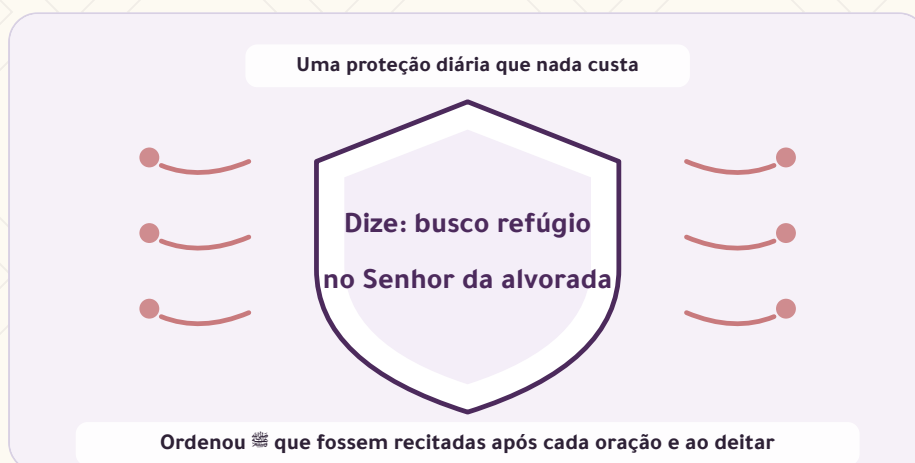
Por que este é um milagre decisivo?

A prova aqui é de tipo raro: **um relato cujo sentido aparente prejudica quem trouxe o chamado, e que mesmo assim foi transmitido e preservado**. O Profeta ﷺ não o escondeu, seus companheiros não o suprimiram, e os estudiosos do hadith não o apagaram — antes, os dois livros mais autênticos entre os muçulmanos o registraram. E quem inventa uma religião não narra de si mesmo que a magia de um homem judeu o afetou. É o que os críticos históricos chamam **critério do constrangimento**: uma narração que prejudica quem a narra está mais perto da verdade do que a que o beneficia. E o episódio deu um fruto duradouro: **as duas suras do refúgio**, remédio prático para todo muçulmano até hoje.

As duas suras do refúgio — a fortaleza de todo muçulmano

*Dize: Busco refúgio no Senhor da alvorada contra o mal do que Ele criou... e
❖ contra o mal das que sopram nos nós, e contra o mal do invejoso quando inveja. ❖*

Sura al-Falaq — versículos 1-5



Duas suras reveladas para proteger a pessoa do mal da magia e da inveja

🔍 Em palavras simples

Quando a magia ocorreu, as pessoas não ficaram sem remédio. Foram reveladas duas suras breves — **al-Falaq e an-Nas** — contendo proteção contra a magia, contra a inveja e contra o sussurro do demônio.

⌘ No que se acreditava então?

Quando a magia atingia alguém, recorria-se a outro mago para desfazê-la — isto é, tratava-se o mal com um mal semelhante, e assim as pessoas se apegavam ainda mais aos magos e lhes pagavam mais. Era esse o ciclo que sustentava o sustento dos adivinhos e dos magos.

🌀 O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ recitava as duas suras sobre si mesmo, soprava nas palmas e com elas passava pelo corpo toda noite antes de dormir, e as recitava sobre os doentes (al-Bukhari e Muslim). Ordenou a Uqbah ibn Amir que as recitasse **depois de cada oração**, e lhe disse: «Os que buscam refúgio nunca buscaram refúgio com algo semelhante a elas.» E no hadith autêntico: «Quem recitar o Versículo do Trono ao deitar-se, um guardião de Deus permanece sobre ele e nenhum demônio dele se aproxima até a manhã.»

✦ Por que este é um milagre decisivo?

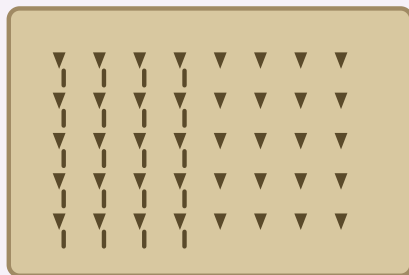
Repare no que este remédio fez a toda a estrutura social. Pôs a proteção contra a magia **diretamente nas mãos de cada pessoa**: palavras breves que uma criança memoriza, sem intermediário, sem taxa e sem ritual. E com isso destruiu pela raiz a autoridade e o comércio dos magos e adivinhos. Não é isso o que faz um homem que busca poder sobre as pessoas — ele faz o contrário. E o mais preciso na sura: «**as que sopram nos nós**» — descrição da forma prática mais comum da magia: atar um nó e soprar sobre ele. E foi exatamente isso que se encontrou na magia de Labid ibn al-A'sam: onze nós numa corda.

Babilônia — e as mais antigas tábuas de magia da história

E seguiram o que os demônios recitavam durante o reinado de Salomão. Não foi Salomão quem descreu, mas foram os demônios que descreram, ensinando magia às pessoas e o que fora feito descer sobre os dois anjos na Babilônia.

Sura al-Baqarah — versículo 102

Encantamentos e amuletos escritos mais de mil anos antes de nossa era



Tábuas de argila cuneiformes da Babilônia – conservadas nos museus

Bibliotecas inteiras de textos mágicos saíram da terra do Iraque

Em palavras simples

O Alcorão ligou a magia a um lugar determinado: **a Babilônia**. E os arqueólogos extraíram dessa mesma terra **a maior coleção de textos mágicos do mundo antigo**.

No que se acreditava então?

A Babilônia estava em ruínas e esquecida quando o Alcorão foi revelado, jazendo devastada havia séculos. E ninguém conseguia ler a escrita cuneiforme — ela havia desaparecido por completo. Assim, atribuir o ensino da magia **à Babilônia em particular**, dentre todas as capitais do mundo, é uma determinação geográfica e histórica aberta a verificação.

O que diz a ciência hoje?

A escrita cuneiforme foi decifrada no século XIX. Verificou-se que a Mesopotâmia — com a Babilônia em seu centro — foi **o maior centro de magia, encantamento e amuletos do mundo antigo**. Entre as descobertas mais famosas está a série de tábuas chamada **Maqlû**, nove tábuas completas sobre a magia e sua anulação, e Šurpu, e milhares de tábuas de encantamentos, astrologia e adivinhação. Só a biblioteca de Assurbanípal guardava centenas delas. E os historiadores reconhecem que a Babilônia foi a fonte de onde essas artes se espalharam por toda a região.

Por que este é um milagre decisivo?

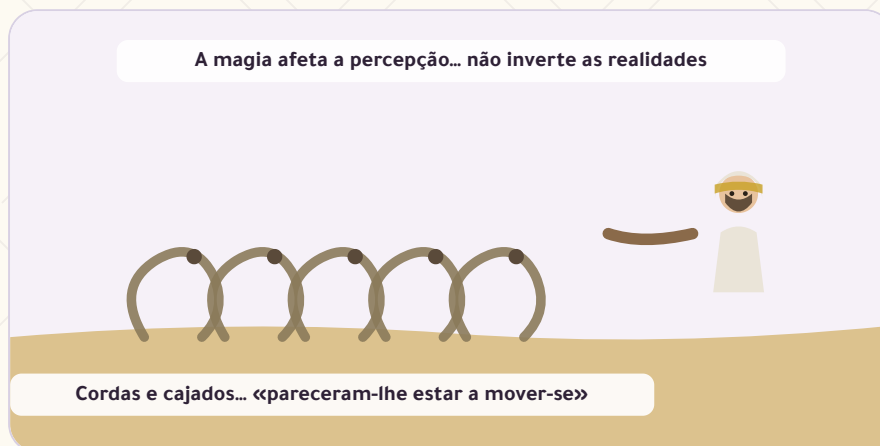
A determinação geográfica é o ponto do argumento. O Alcorão não disse apenas «aprenderam magia» — nomeou **a pátria de onde ela saiu**. E doze séculos depois essa pátria se revelou o sítio arqueológico mais rico da terra em textos mágicos. Mais preciso ainda é **a isenção de Salomão**, a paz esteja com ele: «Não foi Salomão quem descreu.» As lendas que circulavam na região — e textos judaicos posteriores — atribuíam a magia a Salomão e faziam dele o mestre dos magos. Assim o Alcorão veio **inocentar um profeta daquilo que o próprio Povo do Livro lhe atribuía** — o oposto do que faria quem lhes tomasse emprestado.



Os magos do Faraó — e as cordas que pareciam mover-se

Disse: Antes, lançai vós. E eis que suas cordas e seus cajados lhe pareceram, por sua magia, estar a mover-se.

Sura Ta-Ha — versículo 66



O Alcorão descreve a magia como efeito sobre o olho, não como uma criação nova

🔍 Em palavras simples

Os magos do Faraó vieram com cordas e cajados, e eles apareceram às pessoas como **serpentes em movimento**. E repare na formulação precisa: «**lhe pareceram**» — isto é, eles não mudaram; foi a percepção de quem olhava que foi afetada.

⌂ No que se acreditava então?

A magia estava no auge de sua glória no antigo Egito, com seus sacerdotes, suas escolas e seus textos registrados. E acreditava-se que o mago **transformava realmente as coisas**: convertendo um cajado em serpente e um homem em animal. Essa crença prevalecia em quase todas as civilizações da terra.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

O Alcorão rejeitou essa concepção explicitamente e restringiu o efeito da magia a três domínios: **um efeito sobre a percepção e os sentidos** («lhe pareceram», «enfeitiçaram os olhos das pessoas»), **um efeito sobre as almas e as relações** («aprendem deles aquilo com que separam o homem de sua esposa») e **um efeito sobre o corpo, por dano**. Quanto a **mudar a realidade das coisas**, isso é negado de forma categórica. E isso é coerente com o que a psicologia estabelece hoje sobre sugestão, hipnose e percepção coletiva equivocada.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A distinção entre **efeito sobre a percepção** e **mudança na realidade** é extremamente precisa, e a cultura daquele tempo não a conhecia. É o que distingue a posição islâmica sobre a magia de tudo o que a cercava: nem uma negação total que desmente a observação, nem uma concessão de que o mago cria e transforma. E note a diferença no próprio milagre de Moisés: seu cajado **engoliu** o que eles haviam feito — um engolir real. Assim, a diferença entre milagre e magia no Alcorão é: **o primeiro é uma mudança na realidade, a segunda uma mudança no olho**. E é por isso que os próprios magos foram os primeiros a crer — porque eram os que melhor conheciam os limites de seu próprio ofício.

O demônio que veio a Abu Hurayrah por três noites

Disse: Deixa-me ir e ensinar-te-ei palavras com que Deus te beneficiará... Quando fores ao teu leito, recita o Versículo do Trono... O Profeta ﷺ disse: Ele te disse a verdade, embora seja mentiroso. Aquilo era um demônio.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um episódio repetido por três noites no depósito da caridade do Ramadã

Em palavras simples

O Profeta ﷺ encarregou Abu Hurayrah de guardar os alimentos da caridade. Alguém veio à noite roubar deles, e ele o apanhou três noites seguidas. Na última noite, o homem lhe ensinou **o Versículo do Trono** e disse: nenhum demônio se aproximará de ti se o recitares. Então o Profeta ﷺ lhe contou que aquilo tinha sido um demônio.

No que se acreditava então?

Guardar um depósito de alimentos à noite é coisa ordinária. Abu Hurayrah o tomou por um pobre na primeira vez, apiedou-se dele e o deixou ir. Depois aconteceu três vezes — e cada manhã ele o contava ao Profeta ﷺ, que lhe dizia: **«Ele voltará»** — e ele voltava.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está no **Sahih de al-Bukhari** por inteiro, no capítulo do mérito do Versículo do Trono. Contém três pontos importantes. O primeiro, que o Profeta ﷺ **dizia a Abu Hurayrah cada manhã que o homem voltaria naquela noite** — e ele voltava. O segundo, que a sentença final veio numa frase extremamente precisa: **«Ele te disse a verdade, embora seja mentiroso»** — a informação é correta ainda que quem fala seja mentiroso por natureza. O terceiro, que o resultado prático foi **uma arma para todo muçulmano**: o Versículo do Trono ao deitar.

Por que este é um milagre decisivo?

O mais importante neste episódio é **o método** que o Profeta ﷺ ensinou para lidar com esse mundo. Ele nem negou o episódio nem o tornou aterrorizante; **julgou a informação por si mesma e não por quem a disse**. E a frase «ele te disse a verdade embora seja mentiroso» é uma regra completa na crítica dos relatos. Depois, note que o resultado foi **um versículo do Alcorão que todos memorizam**, e não um rito, um amuleto ou um intermediário humano. Todo o episódio termina em capacitar a pessoa comum a proteger-se por si mesma — e esse é o fio que atravessa tudo nesta seção.

Cada pessoa tem um companheiro

Não há nenhum de vós a quem não tenha sido designado seu companheiro dentre os jinn. Disseram: E tu também, Mensageiro de Deus? Ele disse: E eu também, exceto que Deus me ajudou contra ele e ele se submeteu, de modo que só me ordena o bem.

Narrado por Muslim — autêntico



Uma explicação do conflito interior que põe os maus pensamentos em seu devido lugar

Em palavras simples

Com cada pessoa há **um companheiro dentre os jinn** que lhe sussurra o mal. E isso explica os maus pensamentos que lhe vêm de repente, que você não quer nem aceita.

No que se acreditava então?

As pessoas ou atribuíam a si mesmas todo pensamento passageiro e se afogavam em autocensura, ou atribuíam todos os seus atos a forças externas e abandonavam por completo a responsabilidade. Não havia explicação regulada que distinguisse o pensamento do ato.

O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ afirmou essa realidade e depois **a delimitou com ressalvas importantíssimas**: que o companheiro **sussurra e não obriga**; que a pessoa **não responde por um pensamento passageiro enquanto não agir segundo ele** («Deus perdoou à minha comunidade o que suas almas lhes dizem enquanto não agirem nem falarem»); e que a intensidade do sussurro é **sinal de fé, não de corrupção** — quando os companheiros se queixaram do que encontravam de sussurro, ele disse: «**Isso é fé manifesta**», isto é, o próprio horror que sentis por isso é prova de que vossos corações estão sãos.

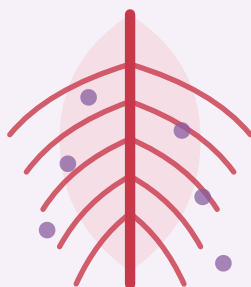
Por que este é um milagre decisivo?

Repare no efeito psicológico dessa concepção, e compare-o com o estado de muitas pessoas hoje. Quem é atingido por um pensamento horrendo e crê que ele vem de suas próprias profundezas verdadeiras fica aterrorizado consigo mesmo — e é exatamente isso o que acontece no **transtorno obsessivo-compulsivo de tema religioso**. Esta explicação separa **o que é lançado sobre você do que você escolhe**, e decide que você não responde pelo primeiro — antes, seu ódio por ele é prova de sua sanidade. Depois dá o remédio prático: busque refúgio e para, e não continues a discutir com ele. E isso é muito próximo do que os tratamentos psicológicos modernos recomendam para os pensamentos intrusivos: não os combatas pelo debate, e não se defina por eles.

Ele corre no filho de Adão como corre o sangue

Por certo, Satanás corre no filho de Adão como corre o sangue.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Não há lugar no corpo fora de seu alcance

«O correr do sangue» – a comparação mais abrangente possível

O sangue alcança cada célula do corpo, sem exceção

Em palavras simples

O Profeta ﷺ descreveu o alcance de Satanás dentro da pessoa como sendo **como o correr do sangue** — isto é, chega a todo lugar em você, e nenhum membro está livre dele.

No que se acreditava então?

A **circulação do sangue** não era conhecida. A crença dominante — a doutrina de Galeno, que governou a medicina por mil e quinhentos anos — era que o sangue se produzia no fígado e se consumia nas extremidades, e não que **percorresse um circuito completo**, alcançando cada parte do corpo e retornando. Isso só foi descoberto em 1628, por William Harvey, e completado pela descoberta dos capilares em 1661.

O que diz a ciência hoje?

O sistema circulatório alcança **cada célula do corpo** através de uma rede de capilares cujo comprimento total é de cerca de cem mil quilômetros. Não há tecido vivo no corpo que o sangue não alcance. Assim, escolher «o correr do sangue» como imagem de penetração total e abrangente é **a comparação mais precisa possível em todo o corpo** — e a extensão de sua precisão não se apreende sem conhecer a circulação.

Por que este é um milagre decisivo?

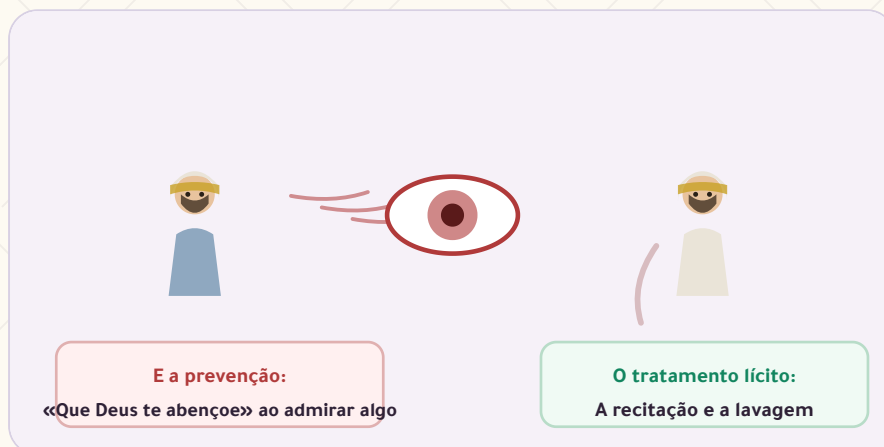
A comparação não teria sido escolhida ao acaso. Se a intenção fosse apenas proximidade, ter-se-ia dito «como a sombra» ou «como o sopro» — ambos mais próximos das concepções daquela época. Mas o que se quis dizer foi **abrangência e penetração até cada parte**, e essa é uma propriedade que no corpo só o sangue realiza — propriedade desconhecida até dez séculos depois. E note o uso prático que o Profeta ﷺ construiu sobre ela: disse-o enquanto levava Safiyyah para fora da mesquita à noite, quando dois homens passaram e se apressaram, e ele os deteve e disse: «Com calma; esta é Safiyyah bint Huyayy.» Isto é, fez da regra um motivo para **afastar de si a má suspeita antes que ela surgisse** — uma lição de transparência, não de medo.



O olho é real — um episódio presenciado pelos companheiros

O olho é real, e se algo pudesse ultrapassar o destino, o olho o ultrapassaria. E quando vos for pedido que vos laveis, lavai-vos.

Narrado por Muslim — autêntico



O episódio de Sahl ibn Hunayf e Amir ibn Rabiah — narrado por Malik, Ahmad e an-Nasa'i

Em palavras simples

«O olho é real» — isto é, um olhar de admiração ou de inveja realmente pode causar dano. E a questão não ficou sem remédio: **recitação e lavagem**, e a prevenção pelo admirador, que suplica bênção quando algo lhe agrada.

No que se acreditava então?

O mau-olhado era temido entre os árabes e entre outros povos, e o afastavam com amuletos, contas, talismãs e ossos e olhos de animais pendurados. Isto é, respondiam a uma crença com outra superstição, e pagavam um preço por isso.

O que diz a ciência hoje?

O célebre episódio é narrado por Malik no Muwatta e por Ahmad e an-Nasa'i: **Sahl ibn Hunayf** se banhou, e **Amir ibn Rabiah** o viu e disse: «Nunca vi coisa igual à de hoje, nem a pele de uma donzela resguardada» — e Sahl adoeceu no mesmo instante. Contaram ao Profeta ﷺ, que disse: «**Por que um de vós mata seu irmão? Não devíeis ter suplicado bênção?**» Depois ordenou a Amir que fizesse a ablução e que a água fosse derramada sobre Sahl — e Sahl se levantou são. E isso se deu **à vista de um grupo de companheiros numa viagem**.

Por que este é um milagre decisivo?

Três coisas neste episódio merecem uma pausa. A primeira, que **quem o causou não era um invejoso cheio de ódio**, mas um admirador cheio de afeto — o que derruba a ideia comum de que o olho vem somente de um inimigo. A segunda, que o remédio veio **do lado de quem o causou, e não de quem foi atingido** — o admirador se lava e a água é derramada sobre o atingido. Isso é o oposto de todos os rituais que punham amuletos sobre o doente. A terceira, e a mais importante: que o Profeta ﷺ **proibiu os amuletos de forma categórica** («quem pendura um amuleto associou parceiros a Deus») e deu um substituto simples, gratuito e prático. Assim, afirmou o fenômeno e aboliu a superstição a ele ligada ao mesmo tempo — o padrão exato de toda esta seção.

Salomão e os jinn que lhe foram sujeitados

E dentre os demônios havia os que mergulhavam para ele e faziam outras obras além dessa. E Nós éramos guardiões sobre eles.

Sura al-Anbiya — versículo 82



Obras específicas e limitadas: mergulhar, trazer pérolas e construir

Em palavras simples

Deus sujeitou a Salomão, a paz esteja com ele, um grupo de jinn que trabalhavam para ele: **mergulhavam no mar e construam**. Este é um milagre particular a ele somente, e ele pediu a seu Senhor que não pertencesse a ninguém depois dele.

No que se acreditava então?

As lendas correntes na região atribuíam a Salomão a magia e o domínio sobre os espíritos por meio de palavras e talismãs herdados pelos magos. As pessoas faziam circular livros a ele atribuídos sobre o assunto — todos forjados e falsos.

O que diz a ciência hoje?

O Alcorão regulou a questão com ressalvas estritas. A primeira, que a sujeição foi **somente por permissão de Deus** e não por qualquer saber mágico: «E dentre os jinn havia os que trabalhavam diante dele **com a permissão de seu Senhor**». A segunda, que as obras eram **materiais e limitadas**: mergulhar, construir e carregar — nenhum conhecimento do invisível e nenhum domínio sobre o destino. A terceira — e a mais explícita — que o Alcorão declarou **a ignorância dos jinn quanto ao invisível** dentro da própria história: continuaram trabalhando depois que Salomão morreu apoiado em seu cajado, e não sabiam que ele havia morrido, «e quando caiu, tornou-se claro aos jinn que, se conhecessem o invisível, não teriam permanecido no castigo humilhante».

Por que este é um milagre decisivo?

Repare no paradoxo notável: a história que poderia ter sido a maior propaganda do uso dos jinn foi transformada na **prova decisiva de sua incapacidade de conhecer o invisível**. Os jinn que mergulhavam e construam não sabiam que o homem de pé diante deles havia morrido! Se o texto fosse humano, num ambiente que exaltava a adivinhação, não teria demolido sua própria lenda com a própria mão no mesmo versículo. E então Salomão suplicou: «**e concede-me um reino que não pertença a ninguém depois de mim**» — e assim a porta foi fechada de vez contra todo aquele que mais tarde alegasse comandar os jinn. A história que os magos citam é, na verdade, o que mais fortemente destrói sua alegação.

Por que a adivinhação cessou depois do início da missão?

E buscamos o céu, mas o encontramos cheio de guardas poderosos e de chamas ardentes. E costumávamos sentar-nos ali em postos de escuta, mas quem escuta agora encontrará uma chama ardente à sua espreita.

Sura al-Jinn — versículos 8-9



Um acontecimento social perceptível: o colapso da adivinhação no início da missão

Em palavras simples

Os adivinhos costumavam anunciar coisas que às vezes se realizavam, porque os demônios ouviam algo das notícias do céu e lhes lançavam. Quando o Profeta ﷺ foi enviado, **foram barrados disso**, de modo que sua fonte foi cortada e seu ofício ruiu.

No que se acreditava então?

A adivinhação era uma instituição social completa na península: o adivinho tinha posição, riqueza e autoridade, era chamado nas disputas e consultado sobre as coisas ocultas. Entre os mais famosos estavam Satih, Shiqq e Sawad. E era sua ocasional exatidão que lhes preservava a posição.

O que diz a ciência hoje?

As fontes históricas e as biografias registram que os próprios adivinhos **se queixaram de que as notícias lhes haviam sido cortadas** ao ser comissionado o Profeta ﷺ, e que muitos deles o disseram a seu povo — foi inclusive uma das causas da conversão de alguns deles. E é historicamente observável que **a adivinhação em seu sentido antigo desapareceu da península quase por completo** depois do Islã, tendo sido um pilar da vida social. E o mecanismo está estabelecido nas duas coletâneas Sahih: «e ele a lança ao que está abaixo dele... e misturam com ela cem mentiras».

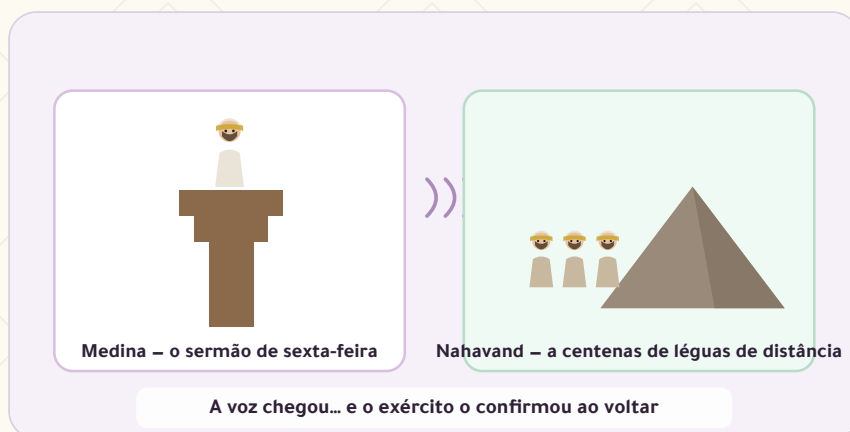
Por que este é um milagre decisivo?

O Profeta ﷺ não parou na proibição; **explicou o segredo do fenômeno de um modo que o destrói por dentro**. Perguntaram-lhe sobre os adivinhos e disse: «Não são nada.» Disseram: mas às vezes nos dizem algo que se revela verdadeiro. Ele disse ﷺ: **«Essa palavra de verdade é arrebatada pelo jinni e gotejada no ouvido de seu amigo, e misturam com ela cem mentiras.»** Isso é uma explicação extremamente precisa daquilo que a psicologia chama hoje de **viés de confirmação**: as pessoas lembram o único acerto e esquecem cem erros. Assim ele aboliu a adivinhação não por negação nua, mas expondo o mecanismo estatístico em que ela repousa — exatamente o argumento que a ciência usa hoje contra a astrologia e a leitura da sorte.

Ó Sariyah — a montanha!

Umar gritou enquanto estava no púlpito: Ó Sariyah, a montanha!... O mensageiro disse: ❖ Ouvimos a voz de Umar, e pusemos as costas contra a montanha, e Deus nos deu a vitória. ❖

Narrado por al-Bayhaqi, Ibn Asakir e outros — classificado como bom por vários sábios



Um prodígio narrado pelos sucessores e transmitido pelos sábios em seus livros

🔍 Em palavras simples

Enquanto Umar ibn al-Khattab pregava o sermão de sexta-feira em Medina, gritou de repente: «**Ó Sariyah... a montanha!**» E Sariyah era o comandante de um exército a centenas de milhas dali. Quando o exército voltou, disseram: ouvimos a voz de Umar, e nos abrigamos junto à montanha, e vencemos.

🕒 No que se acreditava então?

Não havia meio de comunicação entre Medina e o campo de batalha senão mensageiros em camelos, levando semanas. O sermão era pregado diante de todo o povo de Medina. E as pessoas ouviram o grito, acharam-no estranho e não compreenderam seu significado na hora.

🌸 O que diz a ciência hoje?

O relato é narrado por al-Bayhaqi em Dala'il an-Nubuwwah, por Ibn Asakir na História de Damasco, por Abu Nu'aym, Ibn al-Athir e outros, através de várias cadeias. Vários sábios o classificaram como bom pelo conjunto de suas cadeias, e Ibn Hajar, Ibn Kathir e Ibn Taymiyyah o mencionaram. Está entre os mais famosos dos **prodígios dos companheiros** transmitidos. Seus paralelos estão estabelecidos: **al-Ala ibn al-Hadrami** e seu exército atravessaram o golfo até Darin sobre a água; **Khalid ibn al-Walid** bebeu veneno e não lhe fez mal; e **Sa'd ibn Abi Waqqas** tinha suas súplicas atendidas pela prece do Profeta ﷺ por ele.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A distinção entre **milagre** e **prodígio** é um princípio importante aqui. O milagre ocorre a um profeta como desafio e prova da profecia; o prodígio ocorre a um justo **sem desafio e sem alegação**. Por isso um prodígio não se busca nem se ostenta, e quem o recebe não pode construir sobre ele nenhuma pretensão. E quem o busca e dele faz um ganha-pão é a pessoa mais distante dele. Este princípio é o que separa o Islã de tudo o que hoje se promove sob os nomes de «energia espiritual», «abertura» e «desvelamento» que se compram e se vendem. E quando perguntaram a Umar sobre seu grito, ele se afastou e não deu explicação alguma — que é a postura dos homens de prodígios diante deles.

Nem toda doença é possessão

Buscai tratamento, servos de Deus, pois Deus não pôs doença alguma sem pôr para ela uma cura, exceto uma doença: a velhice.

Narrado por Abu Dawud e at-Tirmidhi — autêntico

Primeiro: vai ao médico

- A epilepsia orgânica
- Carência de vitaminas
- Um distúrbio da glândula
- Doenças psíquicas conhecidas
- Falta de sono e exaustão

Depois, a recitação lícita

- Alcorão recitado sem pagamento excessivo
- Sem rituais e sem incenso
- Sem perguntar o nome nem o da mãe
- Sem ficar a sós com uma mulher
- E o próprio doente se recita

Quem violar estas regras é um charlatão, não um recitador

A ordem correta: primeiro a medicina, depois a recitação dentro de seus limites

Em palavras simples

O Islã afirmou a possessão e a magia, **mas não fez de toda doença uma delas**. Ordenou primeiro o tratamento, e fez da recitação do Alcorão algo que o próprio doente lê sobre si mesmo, sem intermediário, sem taxa e sem rituais.

No que se acreditava então?

Antes do Islã, as nações atribuíam a maioria das doenças a espíritos e demônios, de modo que os doentes eram tratados com rituais, sacrifícios aos jinn e talismãs. Isso continuou na Europa por séculos, até que mulheres foram queimadas sob acusação de bruxaria no século XVII. E os doentes mentais eram tratados como possessos.

O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ ordenou o tratamento explicitamente e disse: «**Para toda doença há uma cura**»; usou o mel, a ventosa e a nigela, e prescreveu remédios específicos a seus companheiros. Disse: «A cura está em três: um gole de mel, a incisão de um ventoseiro e a cauterização pelo fogo.» E enviou **um médico** para tratar Sa'd ibn Abi Waqqas. Quanto à recitação, os sábios estabeleceram três condições: que seja com as palavras de Deus ou com Seus nomes, em árabe compreensível, e tida como meio e não como agente em si mesma.

Por que este é um milagre decisivo?

Este princípio é o que protege as pessoas de dois grandes danos. O primeiro: **abandonar o tratamento médico de uma doença orgânica** na crença de que é possessão — e isso já matou muitos. O segundo: **cair nas mãos de charlatões** que exploram o medo e extorquem dinheiro e honra. Por isso o Profeta ﷺ foi extremamente severo aqui: «**Quem for a um vidente e lhe perguntar qualquer coisa, sua oração não será aceita por quarenta noites**», e «**Quem for a um adivinho e acreditar no que ele diz descreu do que foi revelado a Muhammad**». Assim, a porta que se abriu para afirmar uma realidade **foi firmemente fechada contra a exploração**. E qualquer recitador que lhe pergunte seu nome e o nome de sua mãe, ou exija um animal, um objeto pessoal ou uma grande soma, é exatamente o charlatão contra quem o Profeta ﷺ advertiu.

Toda nação conheceu este mundo

E no Dia em que Ele os reunirá: Ó comunidade dos jinn, tomastes muitos dos humanos. E seus aliados entre os humanos dirão: Senhor nosso, beneficiamo-nos uns dos outros.

Sura al-An'am — versículo 128

Um fenômeno humano universal que nenhuma explicação cultural esgota



Babilônia

shedu



Egito

Akhu



Grécia

daimon



Índia

bhut



China

Forte

Nações sem tempo, lugar ou língua em comum... e concordaram

A crença num mundo invisível e racional está presente em toda civilização já conhecida

Em palavras simples

Toda nação na história — Babilônia, Egito, Grécia, Índia, China e os povos da África e da América — conheceu a existência de **criaturas racionais e invisíveis**, e lhes deu nomes diferentes.

No que se acreditava então?

Esses povos estavam distantes uns dos outros e não se conheciam; não tinham língua comum nem comércio. E, no entanto, suas concepções eram notavelmente semelhantes: seres racionais, habitando ruínas e ermos, que prejudicam e ajudam, apaziguados com oferendas, alguns retos e alguns corruptos.

O que diz a ciência hoje?

Os antropólogos chamam isso de **universal cultural**: um fenômeno que aparece em toda sociedade conhecida, sem exceção. A crença em seres espirituais racionais está entre os exemplos mais claros, e George Murdock a documentou em sua famosa lista de universais culturais. Seus nomes: «shedu» na Babilônia, «akhu» no Egito, «daimon» entre os gregos, «bhut» na Índia, e «jinn» entre os árabes.

Por que este é um milagre decisivo?

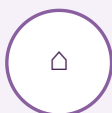
Isto não se apresenta aqui como prova decisiva em si mesma — a concordância sozinha não estabelece a verdade. Mas **refuta a explicação comumente dada**: a de que os jinn são uma superstição árabe que o Alcorão tomou emprestada de seu ambiente. O fenômeno é milhares de anos mais antigo que os árabes e se espalhou por continentes inteiros além deles. E, mais precisamente, o Alcorão **não transmitiu a concepção dominante, mas a corrigiu**: todas as nações adoravam esses seres e lhes ofereciam sacrifícios, e ele proibiu isso e o chamou de associação de parceiros a Deus; atribuíam-lhes o conhecimento do invisível, e ele o negou categoricamente; faziam deles semideuses, e ele os fez **uma criação responsável, julgada como nós somos julgados**. Concordância quanto ao fato da existência e desacordo completo quanto à norma — essa é a marca de quem corrige, não de quem toma emprestado.

Cinco coisas que só Deus conhece

Por certo, Deus tem o conhecimento da Hora, faz descer a chuva e sabe o que há nos ventres. E alma alguma sabe o que ganhará amanhã, e alma alguma sabe em que terra morrerá.

Sura Luqman — versículo 34

A porta do invisível está fechada – e a pretensão é rejeitada de antemão



O momento da Hora A descida da chuva O que há nos ventres O que se ganhará amanhã A terra da morte

Todo aquele que alegar conhecer uma delas é mentiroso, pelo texto do Alcorão
E delas não se excetua nem profeta, nem santo, nem jinni

Um limite decisivo que corta o caminho diante de todo pretendente

Em palavras simples

Depois de tudo o que precedeu nesta seção, o Alcorão fecha a porta com firmeza: há **cinco coisas que só Deus conhece**. Assim, quem alegar o conhecimento de qualquer uma delas — seja quem for — está mentindo.

No que se acreditava então?

A adivinhação, a leitura da sorte, a astrologia e os horóscopos eram ofícios prósperos em todas as civilizações. Perguntava-se ao adivinho sobre o invisível e ele respondia, e às vezes acertava, de modo que sua posição subia. Eram grandes fontes de renda e de influência.

O que diz a ciência hoje?

Essas cinco estão nomeadas no próprio versículo, e o Profeta ﷺ as explicou no hadith de Gabriel como **as cinco chaves do invisível** (narrado por al-Bukhari). E note que não são assuntos vagos e obscuros, mas **abertos a verificação**: ninguém na história conseguiu fixar o dia da Ressurreição, nem afirmar com certeza que a chuva cairá (as previsões dão probabilidades, não certeza), nem saber o que há no ventre **por inteiro** — seu destino, seu sustento, seu tempo de vida e seus atos. Quanto a conhecer o sexo pelo ultrassom, isso é ver o que já apareceu depois de formado, e não conhecimento do invisível antes disso.

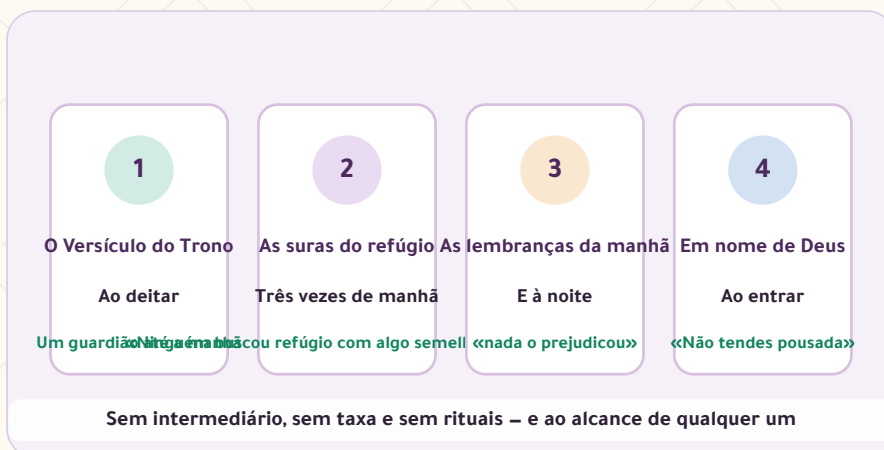
Por que este é um milagre decisivo?

Este limite é a **válvula de segurança** de toda esta seção. Tudo o que precedeu — afirmar os jinn, a magia, o mau-olhado e os prodígios — poderia ter aberto uma porta larga à fraude e à exploração. Então veio este versículo para cortar o caminho de antemão diante de todo pretendente: **quem lhe disser o seu amanhã é mentiroso**, por mais verídico que pareça em outras coisas. E o próprio Profeta ﷺ foi ordenado a anunciar isso sobre si mesmo: «Dize: Não tenho poder algum de beneficiar-me ou prejudicar-me exceto o que Deus queira. E se eu conhecesse o invisível, teria adquirido muito bem.» Assim, quem trouxe esta religião **negou primeiro de si mesmo** o que os adivinhos de seu tempo alegavam. Nenhum pretendente em busca de poder faz isso.

Tua fortaleza diária — palavras que nada custam

Quem disser ao anoitecer: Busco refúgio nas palavras perfeitas de Deus contra o mal do que Ele criou — nada o prejudicará naquela noite.

Narrado por Muslim — autêntico



Quatro lembranças estabelecidas nas coletâneas autênticas que bastam contra todo o resto

🗨 Em palavras simples

A pessoa não foi deixada diante deste mundo sem armas. O Profeta ﷺ lhe deu **lembranças curtas que uma criança memoriza**, que ela mesma diz, sem intermediário, sem dinheiro e sem rituais.

⌘ No que se acreditava então?

A proteção contra os jinn e contra a inveja exigia **um intermediário**: um adivinho, um mago ou um portador de amuletos. As pessoas pagavam dinheiro e sacrifícios por isso, e se apegavam a objetos que penduravam em seus filhos e em seus animais. Era um sistema que produzia dependência e medo e trazia lucro a quem o administrava.

⚙ O que diz a ciência hoje?

As lembranças estabelecidas nas coletâneas autênticas são muitas; as mais conhecidas são: **o Versículo do Trono** ao deitar — «um guardião de Deus permanecerá sobre ti e nenhum demônio se aproximará de ti»; **as duas suras do refúgio e al-Ikhlâs** três vezes de manhã e à noite — «elas te bastarão contra tudo»; **«Busco refúgio nas palavras perfeitas de Deus contra o mal do que Ele criou»** — «nada o prejudicará naquela noite»; **dizer o nome de Deus ao entrar em casa e ao comer** — «não tendes pousada nem ceia»; e recitar a **Sura al-Baqarah** na casa — «nenhum demônio nela entra».

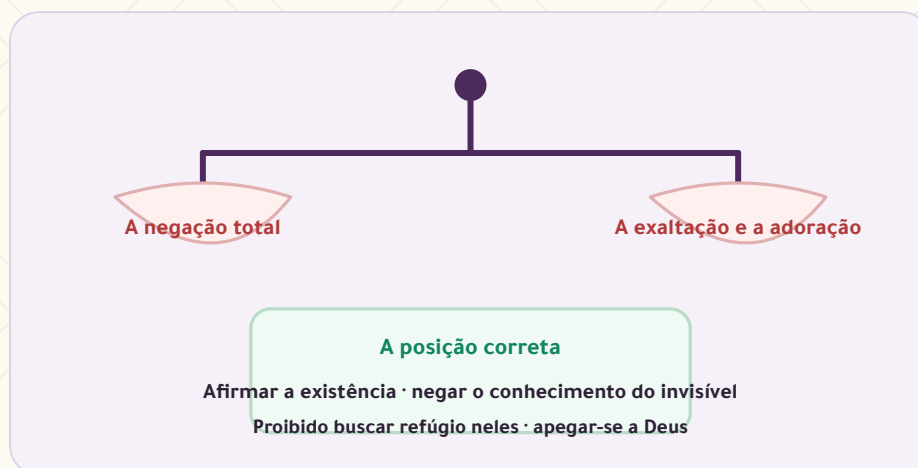
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Repare na estrutura que esta religião estabeleceu, e compare-a com o que veio antes. Ela transferiu a proteção do **monopólio do intermediário** para a **posse de cada indivíduo**. Um muçulmano não precisa de recitador, de adivinho, de amuleto nem de taxa — palavras que ele memoriza e diz por si mesmo, ao alcance do pobre tanto quanto do rico. Isso demole a economia da charlatanice em seu fundamento, e não põe em seu lugar nenhuma autoridade alternativa. E note que todas essas lembranças são **busca de refúgio em Deus, e não nos jinn nem em nomes** — de modo que ensinam a unicidade de Deus no exato momento em que protegem. E essa é a diferença essencial entre a recitação lícita e todo o resto.

O equilíbrio nesta matéria

E havia homens entre os humanos que buscavam refúgio em homens entre os jinn, e estes lhes aumentaram o fardo.

Sura al-Jinn — versículo 6



Entre uma negação que desmente a revelação e uma exaltação que conduz à idolatria

Em palavras simples

O mundo invisível é uma realidade, mas lidar com ele tem **um equilíbrio preciso**: não o negamos, para não desmentir o que Deus nos disse, e não o exaltamos, para não cair na idolatria, no medo e na fraude.

No que se acreditava então?

Os antigos caíram num extremo: exaltação, busca de refúgio, sacrifícios e adivinhação. E muitas pessoas hoje caem no extremo oposto: negar tudo o que o olho não vê. Ambos os extremos estão errados.

O que diz a ciência hoje?

A posição estabelecida pelo Alcorão e pela Sunnah reúne cinco princípios inseparáveis uns dos outros: **afirmar sua existência** — parte da crença no invisível; **negar-lhes o conhecimento do invisível** — logo, nenhuma adivinhação e nenhuma astrologia; **proibir buscar refúgio neles** e fazer disso associação de parceiros a Deus; **ordenar o tratamento médico** e dar precedência à medicina sobre a suposição; e **a proteção pela lembrança de Deus**, sem intermediário, sem taxa e sem rituais.

Por que este é um milagre decisivo?

Este sistema tomado como um todo é a prova. Se esta religião fosse obra de um homem naquele ambiente, a coisa mais fácil para ele — e a mais lucrativa — teria sido cavalgar a onda dominante da adivinhação: reivindicar o invisível para si, dar a seus seguidores um intermediário que lhes rendesse a vida, e construir uma autoridade espiritual sobre o medo das pessoas diante do desconhecido. Foi o que fizeram as instituições religiosas em muitas nações. Mas quem trouxe esta religião fez exatamente o contrário: **negou para si o conhecimento do invisível, aboliu a adivinhação e os amuletos, pôs a arma na mão de cada indivíduo gratuitamente e ordenou o médico antes do recitador**. Quem faz isso não está construindo uma autoridade para si — está entregando uma mensagem que lhe foi confiada.